

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 4 | Nº 10 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4015737>



TROTSKY, A PANDEMIA E O CAPITALISMO EM CRISE

Michel Goulart da Silva¹

Resumo

Procura-se neste ensaio apresentar uma análise da atual conjuntura política e social a partir das contribuições teóricas expostas por Leon Trotsky no Programa de transição (1938).

Palavras chave: Capitalismo; Programa de Transição; Trotsky.

Abstract

This essay seeks to present an analysis of the current political and social situation based on the theoretical contributions exposed by Leon Trotsky in the Transition Program (1938).

Keywords: Capitalism; Transition Program; Trotsky.

A pandemia provocada pelo coronavírus explicitou o caráter destrutivo do capitalismo. Parece uma contradição que, mesmo com o desenvolvimento tecnológico que se alcançou nos últimos séculos, pessoas ainda morram em função de uma epidemia sobre a qual, a despeito de suas particularidades, se faz alertas há anos. Contudo, uma análise que parta do marxismo não vê contradição nisso. O processo de exploração capitalista suga a vida dos trabalhadores, não se importando se isso leva ao adoecimento ou mesmo à morte, sendo as crises cíclicas uma forma de diminuir os custos de produção. Marx e Engels destacavam que “cada crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos fabricados, mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já criadas” (MARX; ENGELS, 2005, p. 45). Para os capitalistas, o lucro precisa ser elevado o máximo possível, ampliando a exploração, por meio da reorganização do trabalho e da retirada de direitos até então garantidos pelo Estado.

O cenário atual, com a onda de desemprego e de retirada de direitos, em que os trabalhadores se veem desolados ou mesmo desesperados, lembra em grande medida aquele no qual Trotsky escreveu o *Programa de transição*, principal documento de fundação da IV Internacional, em 1938. O contexto em que foi escrito esse documento estava marcado pelo ascenso do nazismo e pelas tensões que levaram no ano seguinte à Segunda Guerra Mundial. Trotsky, diante desse cenário, afirmou, logo nas primeiras páginas:

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email para contato: michelgsilva@yahoo.com.br



As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e os novos progressos técnicos não conduzem mais a um crescimento da riqueza material. As crises conjunturais, nas condições da crise social de todo o sistema capitalista, oprimem as massas com privações e sofrimentos cada vez maiores (TROTSKY, 2008, p. 15).

O processo de construção da IV Internacional foi impulsionado pela crise do Partido Comunista da União Soviética e da Internacional Comunista provocada pela burocratização stalinista. Foram fatores decisivos para o processo de construção da IV Internacional o combate aos métodos autoritários utilizados pelo stalinismo na condução do governo e do partido soviéticos, a derrota da revolução chinesa de 1927 e os erros políticos dos comunistas alemães que contribuíram para a chegada de Hitler ao poder. Nesse momento, além da ameaça dos fascismos em todo o mundo, entre os trabalhadores havia uma grande desilusão com a socialdemocracia e com os partidos comunistas. Diante desse cenário, afirmava Trotsky (2008, p. 15): “A situação política mundial em seu conjunto caracteriza-se principalmente pela crise histórica da direção do proletariado”.

O *Programa de transição* apresentava como princípio a articulação das reivindicações mais imediatas dos trabalhadores com aquelas que apontassem para a superação do sistema capitalista. Trotsky assim explicava:

A IV Internacional não rejeita as reivindicações do velho programa “mínimo” na medida em que elas conservam algo de sua força vital. Defende incansavelmente os direitos democráticos dos operários e suas conquistas sociais, mas realiza este trabalho cotidiano no marco de uma perspectiva correta, real, ou seja, revolucionária. Na medida em que as reivindicações parciais – “mínimas” – das massas se chocam com as tendências destrutivas e degradantes do capitalismo decadente – e isso ocorre a cada passo –, a IV Internacional propõe um sistema de *reivindicações transitórias*, cujo sentido é dirigir-se, cada vez mais aberta e resolutamente, contra as bases do regime burguês. O velho “programa mínimo” é constantemente superado pelo programa de transição, cujo objetivo consiste numa mobilização sistemática das massas para a revolução proletária (TROTSKY, 2008, p. 21).

A pandemia provocada pelo coronavírus exacerbou a crise econômica, que se arrasta sem que os capitalistas consigam apresentar qualquer solução, desde pelo menos 2008. A crise econômica abalou a economia de países que, poucos anos antes, tinham atacado os trabalhadores com a retirada de direitos trabalhistas, e privatizado, total ou parcialmente, serviços como saúde e educação. Enquanto o Estado salvava bancos e empresas, estivessem os postos de governo ocupados por partidos de direita ou de esquerda, os trabalhadores cada vez mais eram arrastados para a pobreza e para piores condições de trabalho. Esse cenário de crise, marcado pelo avanço da pobreza e da omissão do Estado no que se refere a algumas políticas públicas mínimas, se mostrou propício para que se espalhasse o novo coronavírus.



Em diversos países, as tímidas políticas estatais, em especial por meio de programas assistenciais, como o Bolsa Família no Brasil, que dividem os restos de migalhas deixados por banqueiros e burgueses, se mostraram incapazes de diminuir os impactos sobre o número crescente de trabalhadores pobres e de desempregados. Essas políticas de reformas, ainda que possam melhorar a situação imediata dos trabalhadores como solução momentânea, pouco depois são reduzidas ou mesmo retiradas. Trotsky afirmava: “A crise atual, que ainda está longe do seu fim, já demonstrou que a política do *New Deal* nos EUA, assim como a política da Frente Popular na França, não oferece qualquer saída ao impasse econômico” (TROTSKY, 2008, p. 16).

Uma emergência internacional, como a causada pela pandemia do coronavírus, mostra que o Estado enquanto amenizador da miséria chegou a seu limite. Depois de todos os ataques promovidos em nome do lucro da burguesia, a pandemia encontra grandes aglomerações de pessoas sem saneamento básico, um sistema de saúde dominado por setores privados, universidades e centros de pesquisa sucateados, o crescimento constante de trabalhadores informais e um sistema de seguridade social enfraquecido pelo capital financeiro. Chegou-se a um cenário em que apenas uma política emergencial que mexa nos lucros da burguesia e aponte para a superação do capitalismo pode impedir o avanço da morte de milhares ou mesmo milhões de pessoas. Trotsky (1994, p. 28) afirmava, em texto publicado poucos anos antes do *Programa de transição*:

Se os meios de produção continuam em mãos de um pequeno número de capitalistas, não há salvação para a sociedade. Ela está condenada a seguir de crise em crise, de miséria em miséria, de mal a pior. De acordo com cada país, as consequências da decrepitude e decadência do capitalismo se expressam sob formas diversas e com ritmos desiguais. Porém, o fundo do processo é o mesmo em todos os lados. A burguesia conduziu a sociedade à bancarrota. Não é capaz de assegurar ao povo nem o pão nem a paz.

Qualquer saída para os trabalhadores passa pela apropriação dos lucros dos capitalistas, implementando um amplo sistema de proteção à saúde e ao emprego, além da garantia de salário e trabalho para todos. Uma ação como essa visa garantir a sobrevivência material de bilhões de trabalhadores em todo o mundo. No contexto da década de 1930, marcado pelo fascismo e pela iminência da guerra, Trotsky (2008, p. 23) apontava que

trata-se de preservar o proletariado da decadência, da desmoralização e da ruína. Trata-se da vida e da morte da única classe criadora e progressiva, e, por isso mesmo, do futuro da humanidade. Se o capitalismo é incapaz de satisfazer as reivindicações que surgem infalivelmente dos males que ele mesmo criou, que morra!



Apesar desse cenário em que a barbárie se avizinha no horizonte, o Estado continua a garantir que as empresas paralisadas ou com funcionamento parcial não quebrem, colocando o lucro da burguesia em patamar de importância superior à saúde e à vida dos trabalhadores. Nessa situação, as principais organizações construídas historicamente pelos trabalhadores, em especial os partidos e os sindicatos, se mostram inertes diante do crescimento da miséria e da retirada de direitos. Trotsky (2008, p. 24) alertava que os sindicatos “desenvolvem poderosas tendências à conciliação com o regime democrático-burguês”. Os trabalhadores sofrem com demissões, cortes de salário, precarização das condições de trabalho, entre outras coisas.

Percebe-se, ainda, a crise das perspectivas reformistas, quando se pensa na organização política dos trabalhadores. Uma crise como a atual mostra claramente as engrenagens da exploração do trabalho. Políticas como o auxílio emergencial, mesmo que provisoriamente possam ajudar uma parcela da população, estão longe de garantir a continuidade da vida dos trabalhadores. Para a maior parte da esquerda, está em jogo somente a manutenção da disputa institucional e a construção de alternativas eleitorais, claramente mostrando que “a crise atual da civilização humana é a crise da direção proletária” (TROTSKY, 2008, p. 70).

Por isso, na atual conjuntura, coloca-se a necessidade de um programa que articule as reivindicações mais básicas – saneamento, medicamentos gratuitos e leitos hospitalares, entre outras – com aquelas que se choquem diretamente com o capitalismo – estatização de indústrias farmacêuticas e de hospitais particulares, expropriação de grupos capitalistas e das grandes fortunas, e a necessidade de auto-organização dos trabalhadores, entre outras. É preciso lembrar de Trotsky (2008, p. 17) quando afirmava que, “sem uma revolução socialista no próximo período histórico, a civilização humana está ameaçada de ser arrastada por uma catástrofe”.

REFERÊNCIAS

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Editora Boitempo, 2005.

SILVA, Michel Goulart da. “A permanência de Trotsky”. **Revista Urutágua**, n. 8, 2005.

SILVA, Michel Goulart da. “A revolução permanente: Trotsky e a luta anti-imperialista no século XXI”. **Pacha**, n. 2, 2020

TROTSKY, Leon. **Aonde vai a França**. São Paulo: Editora Desafio, 1994.

TROTSKY, Leon. **Programa de transição**. São Paulo: Editora Iskra, 2008.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 10 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima